

IV PROJETER 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
Outubro 2009

EIXO: POSTER DIGITAL

REURBANIZAÇÃO DE FAVELAS TABOAO DA SERRA

Heloisa Diniz de Rezende

arquiteta, chefe de departamento da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação, no Programa de Urbanização de Favelas, Taboao da Serra
hdiniz00@ig.com.br

Fernando Minto

Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação
Programa de Urbanização de Favelas, Taboao da Serra

Manoel Alcântara

Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação
Programa de Urbanização de Favelas, Taboao da Serra

Ivaloo Gusmão

Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação
Programa de Urbanização de Favelas, Taboao da Serra

Ana Oliveira

Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação
Programa de Urbanização de Favelas, Taboao da Serra

Angela Amaral

Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação
Programa de Urbanização de Favelas, Taboao da Serra
angela.amaral@taboao daserra.sp.gov.br

Terezinha Gonzaga

Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação
Programa de Urbanização de Favelas, Taboao da Serra
terezinha_gonzaga@yahoo.com.br

CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO - Reurbanização de Favela no Município de Taboão da Serra- Núcleo Silvio Sampaio

RESUMO

O trabalho em questão abordará um modelo de Reurbanização de Favelas que está sendo desenvolvido pela Prefeitura de Taboão da Serra através da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (SEMUDUH). Será apresentado todo processo desta Urbanização, desde a elaboração do projeto dentro da instituição, com participação da população, até o pleito de um financiamento do Governo Federal.

O projeto e obras – ambos ainda em execução – da maneira como estão sendo executados, revelam a possibilidade de uma prática não alienante de projeção. Com a participação efetiva da população no processo de entendimento e do levantamento dos principais problemas e com a posterior assunção do papel de agentes na transformação. O desenho – que antes excluía esta população em sua compreensão – agora torna-se linguagem comum entre técnicos e moradores. Neste processo, o desenho deixa de ser fetiche para ser um instrumento com igualdade de condições.

A idéia, neste texto, é lançar um pequeno debate sobre a formação do arquiteto que atua diretamente com populações de baixa renda e sobre o necessário engajamento das Universidades na qualificação destes profissionais na produção do desenho de arquitetura (feito por quem e para quem), construir espaços para lidar com outras áreas do conhecimento, lidar com a diversidade da sociedade e questiona-la para transformá-la.

RESÚMEN

El trabajo que será presentado hará un abordaje sobre el modelo de Reurbanización de favelas que hoy se desarrolla en la municipalidad de Taboão da Serra, por médio de su Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Secretaria de Desarrollo Urbano y Vivienda). Será presentado todo el processo de esta urbanización, comenzando por la elaboración del proyecto internamente a la institución, hasta la presión por financiamento sobre el Gobierno Federal.

En este momento, el proyecto y la obra está siendo ejecutados. La manera como se desarrollan proyecto y obra revelan la posibilidad de una práctica no enajenante de proyección. Eso ocurre por la participación efectiva de la población en el proceso de entendimiento y formulación de los problemas, con su posterior protagonismo en el proceso de resolución de esos problemas y de transformación social. El diseño, que antes era un elemento hermético, que provocaba la exclusión de esa población, ahora tiene un lenguaje comun, compartido entre técnicos y vecindad. En ese proceso, el diseño deja de ser un fetiche y se transforma en un instrumento con igualdad de condiciones.

La idea de este texto es proponer una breve discusión sobre la formación del arquitecto que actua directamente con poblaciones de bajos ingresos. También se quiere discutir el necesáριο comprometimiento de las Universidades en la calificación de estos profesionales en la producción del

diseño de la arquitectura (hecho por quién y para quién). Queremos también pensar como se podría, en la formación del arquitecto, construir espacios para lidiar con otras áreas del conocimiento, y a la vez, con la diversidad de la sociedad, cuestionandola para su transformación.

ABSTRACT

The text at issue presents a model of ghetto re-urbanization developed by the town hall of Taboão da Serra through the Secretary of Urban Development and Housing (SEMUDUH). The entire urbanization process is presented: from the design elaboration within the institution (with popular participation), to the plea for Federal financing.

The design and the works – both still in course – as they are being undertaken, reveal the possibility of a non alienating design practice. With effective public participation on the comprehension process and its main problems with subsequent indication of the transforming agents role. The drawing – which before excluded the population on its comprehension – now becomes everyday talk among technicians and dwellers. In this process, the drawing is no more a fetish. It becomes an instrument in equality of conditions.

The idea, in this paper, is to trigger the debate on the architect tuition who acts directly with lower income populations; on the necessary engagement of the universities on the qualifications of these professionals; on making architectural design (made by whom to whom); on building spaces to deal with other areas of knowledge; on dealing with the social diversity questioning it to change it.

Núcleo Silvio Sampaio- Reurbanização de Favela

O trabalho em questão abordará um modelo de Reurbanização de Favelas que vem sendo desenvolvido pela Prefeitura de Taboão da Serra através da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (SEMUDUH). Será apresentado todo processo desta Urbanização, desde a elaboração do projeto dentro da instituição, em conversa com os moradores. Posteriormente o pleito de um financiamento através do Governo Federal e a partir daí ao planejamento da execução da obra.

O Núcleo Silvio Sampaio é composto por moradores de uma área pública do Município de Taboão da Serra, limite entre Embu e São Paulo, cortada por um córrego que deságua no Rio Pirajussara, ocupada há pelo menos 30 anos por 500 famílias de baixa renda, num território definido como Zeis, pelo Plano Diretor do município em 2007.

O projeto e obras, ambos ainda em execução, demonstram os conflitos e os mecanismos para realizá-las de um jeito que torne apreensível à população moradora, e principalmente, inaugura este modo de projetar, que não é aprendido nas Universidades, e faz com que os técnicos, militantes, se debrucem para tornar um instrumento elitista e pouco apreensível ao leigo, que é o desenho, mais próximo e assim o desmistifica.

O projeto participativo é um instrumento bastante desenvolvido, principalmente a partir dos anos 90, com a presença das Assessorias Técnicas. Naquele período, grupos de arquitetos, engenheiros, psicólogos, cientistas e assistentes sociais, organizados em Organizações Não-Governamentais (ONGs), se estabelecem em parceria com os Movimentos de Moradia numa luta que qualificou e definiu o Programa de Mutirões Autogestionários do Funaps-Comunitário no Governo Luiza Erundina (1989/92) da Prefeitura Municipal de São Paulo. Neste processo participativo colocava-se o questionamento na forma de projetar, nas relações de produção, nas tecnologias empregadas. Isso se dava na medida em que estes grupos se debruçavam a compreender a demanda deste novo cliente, famílias de baixa-renda e produzir um desenho que levasse em conta o processo produtivo, o qual em parceria com o Estado, a população participaria da construção das moradias como contrapartida do financiamento que, naquele momento, havia sido conquistado.

Neste momento atual que aqui estamos e com linhas de financiamento das mais diversas vindas do Governo Federal, temos que re-criar este novo projetar tendo como referência o modo de realizá-la das Assessorias Técnicas/Movimentos de Moradia.

Para fazermos as obras de Reurbanização de Favelas do Núcleo Silvio Sampaio, a Prefeitura de Taboão da Serra pleiteou recursos do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS) em 2006. O projeto inicial não tinha sido amplamente discutido com as famílias da área. A assinatura do contrato se deu no segundo ano do governo municipal, num momento em que a SEMUDUH tinha uma equipe muito reduzida, demonstrando a pouca importância que davam à questão da Habitação em gestões anteriores, o que impossibilitou, inicialmente, uma discussão mais qualificada no Silvio Sampaio.

As obras de Reurbanização da área se iniciaram em 2008. Esse período da assinatura do contrato ao de implementação das obras se deu, principalmente, pela demora em aprovar o projeto nos órgãos ambientais.

Quando a SEMUDUH teve autorização para iniciar obras, também iniciou um amplo processo de divulgação, para os moradores, sobre o que seria a obra. Este momento inicial se deu de forma conturbada. Primeiro, por ser ano de eleição e haver desconfianças sobre se a equipe iria até o fim com a proposta; segundo, muitos tinham o entendimento que as obras propostas eram desnecessárias; e terceiro, o Silvio Sampaio é uma área com presença forte de associações de bairros, de moradores, de candidatos ao legislativo e do próprio Estado (com Posto de Saúde e agentes do Programa Saúde da Família, Escolas Infantis, Fundamentais e Médio; e Campo de Futebol com atividades da Secr. Esportes). Essa dinâmica política e a presença do tráfico colabora para uma tutela que dificultava uma atuação que objetivava a participação dos próprios moradores para além de seus agentes de representação.

Diante deste cenário, a equipe iniciou um processo de convencimento e discussão das propostas, o qual resultou em alterações importantes nos

projetos de infra-estrutura: rede de esgoto e drenagem, provisão habitacional, equipamentos comunitários e públicos. A equipe percebeu que muito do que era proposto não balanceava questões da dinâmica social da área. Como exemplo, foi proposto inicialmente uma rua que cortava todo o núcleo pois entendíamos a rua teria um caráter de “boulevard” e dessa forma contemplaria uma demanda mapeada que era a segurança das crianças e transeuntes, já que a região é caracterizada por falta de calçamentos seguros e ruas com alto tráfego de veículos. Ao mesmo tempo acreditávamos que o Campo de Futebol era um espaço que segregava lados do núcleo, devido a sua implantação. Ao nosso olhar, a construção deste “boulevard” traria segurança aos pedestres e ligaria áreas separadas. No entanto, quando apresentamos a proposta, foi consenso entre a população que a separação era desejada, acreditavam que separar a área iria torná-la mais segura da presença do tráfego. Dessa forma, revisamos o projeto de reurbanização e infra-estrutura para adequarmos a essa demanda.

Parece-nos ponto crucial no debate a questão do projeto participativo e relação arquiteto-cliente. O arquiteto vem da academia com concepções e referências da relação com o cliente, no geral, de sua mesma classe social, do qual participa, compreende e experimenta dos gostos e desejos desta classe. Na formação do arquiteto, em sua maioria, não está presente lidar com a diversidade, questionar a estrutura social, compreende-la e propor algo novo a partir desta diversidade. Esta formação lida sem questionar as tensões de classe e colaborando com preconceitos e construindo um desenho que seja apropriável para esta manutenção, sem transformá-lo.

Quando exemplificamos a proposta do “boulevard” é para refletirmos sobre o desenho muitas vezes que é proposto desconectado da realidade e que não corresponde à necessidade local.

Vimos, ao longo da história, uma série de propostas de Reurbanizações que partem de terra arrasada, ou seja, demole-se tudo que foi construído sem mensurar a real possibilidade daquela trama urbana se inserir na cidade formal, sem mensurar a história construída e vínculos sociais, sem mensurar a possibilidade das moradias precárias melhorarem, e sem mensurar todo impacto ambiental na paisagem, no lixo etc.

Taboão da Serra é um município que hoje se somam 60 assentamentos precários, muitos deles construídos com apoio do Estado na medida em que não se ofertava qualquer outra possibilidade de moradia para famílias de baixa-renda e no incentivo à ocupação de terras públicas. A maioria destes assentamentos foi ocupada a partir de meados da década de 80, e a partir da década de 90 houve um aumento em sua densidade. Taboão é hoje a cidade com a segunda maior densidade do Estado com poucas áreas vazias.

Compreendemos que muitas áreas podem ser reurbanizadas a partir da trama construída pela população e potencializa a isso o contexto de ocupação do município.

Quando observamos os Assentamentos Precários, notamos que a ausência de políticas públicas se faz a olhos vistos. As casas que um dia foram em madeira, hoje, quase que em sua maioria são em alvenaria, fruto de investimento dos próprios moradores, a infra-estrutura ali instalada foi construída pela própria população ou luta de reivindicações por sua construção. É sob esse olhar que a Reurbanização do Núcleo Silvio Sampaio se deu. A reurbanização consolida partes do assentamento que consideramos de boa qualidade, e construímos ou reformamos o que está precário.

Essa forma de pensar as favelas exige um maior grau de presença do técnico físico e do técnico social, seja para a compreensão da estrutura existente, seja para compreensão da dinâmica social. Isso se dá no contato e na forma de como está estruturada aquela população, na investigação histórica de como se construiu aqueles espaços, o que precisa ser melhorado e o que precisa ser transformado, para que a população passe a estar inserida nas tramas da cidade e no conhecimento de seus direitos sociais. Esse trabalho detalhado exige forte investimento do Estado na composição de equipes interdisciplinares e exige ainda mais que, estes técnicos, estejam capacitados e qualificados para lidar com este novo projetar.

No Silvio Sampaio além das obras de infra-estrutura previstas serão necessárias uma série de obras de melhorias habitacionais decorrentes de interferências da infra-estrutura nas moradias.

Atualmente estamos na etapa de projeção das Melhorias. A tarefa primordial é realizá-las resolvendo as questões das demandas individuais/familiar e ampliar a discussão levantando questões coletivas em diferentes escalas, desde sua interferência numa escala reduzida, que é a da vizinhança ao bairro: nas discussões sobre as vielas que se ampliam e sua gestão, a praça que se cria e sua gestão; sua inserção e interferência dentro do município: o bairro que se insere na trama da cidade: seus direitos e deveres; região metropolitana etc.

A questão das Melhorias Habitacionais nos parece outro ponto essencial para inaugurar esta nova discussão em torno do tema Reurbanização de Favelas. Já existe um fazer projeto, já relativamente consolidado, embora polêmico que é o fazer a Reurbanização da porta para fora, ou seja, tratá-la no que diz respeito à infra-estrutura e novas unidades habitacionais. Até hoje, no entanto, não existe uma discussão sobre o fazer para dentro da casa, que é melhorar as condições das casas existentes e que ali se consolidarão.

Potencializa a necessidade desta discussão num período histórico que vivemos com o alto investimento do Estado no campo social e a aprovação da Lei de Assistência Técnica de Zezéu Ribeiro. Ou seja, precisamos estabelecer um compromisso entre os profissionais e entre docentes a fim de formar este novo profissional para atuar neste campo. É através do conhecimento desta demanda, do contato com a população, com a desconstrução de preconceitos que será possível a atuação deste arquiteto e assim, a luta por financiamentos públicos que garantam Assessoria Técnica Universal e responsável

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova, Sergio Ferro Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- BONDUKI, Nabil. *Construindo territórios da utopia: a luta pela gestão popular em projetos habitacionais*. Dissertação de Mestrado, FAU-USP, 1986.
- _____ . *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- Davis, Mike. *Planeta Favela*. Trad. Beatriz Medina. São Paulo, Boitempo, 2006.
- Ferro, Sergio. “Arquitetura nova”, “A produção da casa no Brasil” e “O canteiro e o desenho”, em *Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naif, 2006.